

SUSPENSE E MUITA CORRERIA

UM TERROR ARGENTINO, *O MAL QUE NOS HABITA*, INESPERADAMENTE ALÇADO AO TÍTULO DE UM DOS MELHORES FILMES DE TERROR DA TEMPORADA, E *ARGYLLE*, QUE MISTURA LITERATURA E ESPIONAGEM, SÃO OS DESTAQUES DAS ESTREIAS NOS CINEMAS

Eventos muito aleatórios tomam conta da trama de *O mal que nos habita*



NAS TELAS

» RICARDO DAEHN

Com forte criatividade e absoluto suspense quanto ao destino final de uma sanguinolenta epopeia, o filme de terror *O mal que nos habita* é um dos destaques das estreias de cinema. É o próprio diretor, o argentino Demián Rugna que, em entrevista internacional, confirma: “Não sei como meus filmes avançam para o final”. De pronto, ele adianta que tem queda por finais nem tão felizes. Nem mesmo na vida real, Rugna consegue escapar do azar. Foi o produtor mexicano Guillermo de Toro, aclamado no exterior, que se interessou pelo remake de um longa de Rugna, *Aterrorizados* (2017), e até o contratou para a refilmagem. Com a pandemia, tudo foi por água abaixo. Mas é pelo quinto filme da carreira, *O mal que nos habita*, com arrecadação de US\$ 546 mil nos Estados Unidos (e acúmulo de US\$ 1,5 milhão, mundo afora), que o diretor tem se projetado. O novo filme caiu nas graças dos círculos de críticos de Chicago, Phoenix e

Las Vegas, conquistou o Prêmio (latino-americano) Blood Window, venceu o título de Melhor filme no festival catalão de Sitges e, claro, caiu nas graças dos espectadores de terror, especialmente depois de ter integrado o Festival de Toronto (Canadá).

“Tentei, por todo o tempo, oferecer um choque para o público e, claro, relaxamento também. Preciso deste descanso para, novamente desferir outro soco — o humor é um bom caminho para isso”, comentou Rugna para site Collider. Ele calcula que esperou cinco anos para colocar em prática o filme apegado em escapadas, perseguições, cenas externas com clareza e o desafio de ter animais e crianças em cena. À frente do roteiro, que revela uma maldição cada vez mais entranhada na vida dos irmãos Pedro (Ezequiel Rodríguez) e Jimi (Demián Salomón), Rugna exagera: “Quando eu escrevo, sou deus: decido quem sobrevive e quem vence na trama”.

Dono de um toque estranho, que gera riso nervoso, o diretor fala da pronta inspiração derivada de cinema, que nasceu de filmes como *Uma noite alucinante* — *A morte do*

demônio (de Sam Raimi), *O lamento* (da Coreia do Sul) e *A estrada*, segundo ele, “um road movie, cruel e bem atuado, com Viggo Mortensen, e adaptado da literatura de Cormac McCarthy (morto no ano passado). Sucesso no streaming Shudder, *O mal que nos habita*, na Argentina, superou o sucesso de *Não dormirás*, com público superior a 110 mil, nos primeiros 11 dias de exibição. O filme foi exibido em 145 salas da Espanha. Para alcançar o sucesso, o diretor contou com outro elemento, além do humor negro, visto por ele como “pedra fundamental”: a confiança do mercado (o filme tem coprodução entre os Estados Unidos e a Argentina). “Tive a sorte de cada produtor na Argentina confiar totalmente em mim. Entreguei o roteiro e eles disseram: ‘vá em frente!’. Fizem um ou outro comentário, mas o resultado foi integralmente o que sempre pretendi fazer”, explicou à imprensa internacional.

Tiros de revólver, num ambiente ermo, de vegetação bastante espalhada, chamam a atenção dos irmãos Pedro e Jimi. Até a chegada ao

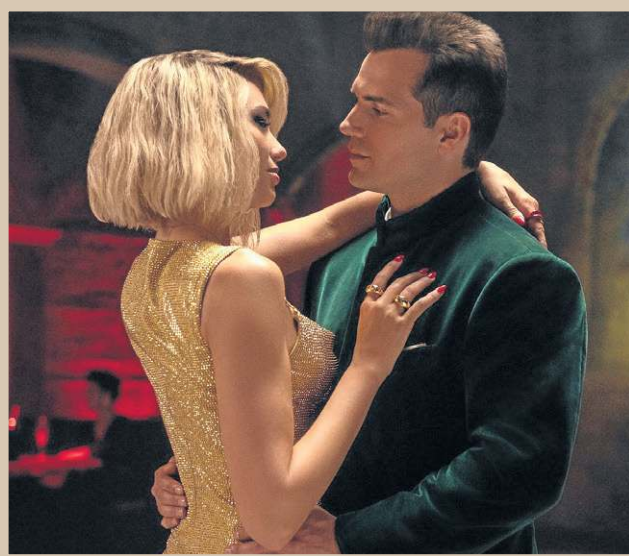
extremo, que toca o canibalismo, muita coisa acontecerá: o cachorro Roger será inclemente, até mesmo com as crianças; a luz elétrica deverá ser evitada a todo custo; perversas crianças serão agredidas, e uma ameaça putrefata rondará o passo de muitos personagens, desde que o proprietário de terras Ruiz (Luis Ziemkowski) resolve tomar uma atitude drástica e conjunta contra um homem vítima de possessão.

Depois de encontrar um corpo dilacerado no campo, a dupla de irmãos carrega uma maldição com desdobramento frenético e misterioso. Gerada a partir de um homem disforme e “embichado” (como diz a crença culturalmente forte no interior da Argentina), que em português remete à condição de parasitado, a ação mexe com o emocional de Pedro, cada vez mais agitado e perdido com a dinâmica da aldeia adúltera. Isso depois que um corpo, que exala uma conexão malévoa, é deixado a mais de 300km de distância da pequena aldeia argentina.

A VIDA IMITA A ARTE

De um certo modo, há uma grande reviravolta até mesmo nos bastidores de *Argylle* — *O superespião: o filme* direciona o espectador para a ideia de que o astro maior seja Henry Cavill, o recente Super-Homem das telas de cinema. No fundo da trama, entretanto, pesa mesmo uma frase que atravessa a trama — “Quanto melhor o espião, maior a armação”. Nisso, há o despontar da real protagonista a autora de best-seller Elly Conway (Bryce Dallas Howard), eternamente envolvida com relatos que tocam um sindicato de espionagem.

Universal



Até certo ponto da trama do filme de Matthew Vaughn (o mesmo de *X-Men: Primeira classe*), a ação está dominada

pelos homens (com os personagens de Cavill, Sam Rockwell e John Cena) enquanto Elly arquiteta planos que

Dua Lipa e Henry Cavill em cena de *Argylle: O superespião*

prendam seus leitores num universo em que o personagem Samuel L. Jackson se revelará indispensável.

Com roteiro de Jason Fuchs (de *Mulher-Maravilha* e *A era do gelo 4*), *Argylle*, numa artimanha que remete a *Missão: Impossível*, traz enredo que dá a volta ao mundo, com passagens por locais como Grécia, Inglaterra e parte da Península Árabe. Sem querer, Elly vai interferir na mecânica de um departamento de espionagem batizado de Divisão. No mais, o enredo trará as pistas absurdas (da literatura exagerada criada pela mente da escritora), traços de magia e a determinação de uma protagonista envolvida por nonsense completo.

OUTROS DESTAQUES



OS COLONOS

Produção chilena de Felipe Gálvez, foi premiada na mostra Um certo olhar do Festival de Cannes, revelando um plano sangrento de desocupação do arquipélago da Terra do Fogo, inicialmente, dominada por indígenas.

MOSTRA DE CINEMA JAPONÊS

Formulada com dramas e policiais, a mostra do Cine Brasília (EQS 106/107) se estende até 4 de fevereiro. Hoje, às 18h, a atração é *And so the baton is passed* que mostra questões internas e dolorosas para uma estudante. Às 20h30, *In the wake* traz um enredo policial, com conexões dentro de um abrigo, a partir de sobreviventes de terremoto do ano de 2011.

AS BESTAS

Coprodução entre França e Espanha, a fita de Rodrigo Sorogoyen explora a tensão crescente numa aldeia na Galícia. Estrelado por Marina Fôis e Denis Menochét.